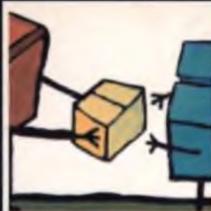


40
anos
UnB à frente



Lauro Morhy
organizador geral

Brasil em Questão

A Universidade e a
Eleição Presidencial



EDITORA

UnB

Ao completar suas primeiras quatro décadas de existência, a Universidade de Brasília (UnB) apresenta à sociedade *Brasil em Questão: a Universidade e a Eleição Presidencial*, coletânea de artigos que pode ser definida como verdadeira imersão na realidade histórica, cultural, política e socioeconômica brasileira.

Esta obra é resultado dos debates desenvolvidos no âmbito do *Fórum Brasil em Questão*, rico e promissor diálogo orientado por um esforço de busca e superação de nossos desafios. Instalado em fevereiro de 2002, o *Fórum Brasil em Questão* trouxe, à UnB, durante cinco meses, 41 especialistas das mais diversas áreas para apresentarem e discutirem suas visões sobre temas estratégicos para o País

Brasil **em Questão**

**A Universidade e a
Eleição Presidencial**

Fernando Henrique Cardoso

Presidente da República

Paulo Renato Souza

Ministro da Educação

Francisco César de Sá Barreto

Secretário de Educação Superior

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Conselho Diretor

Lauro Morhy – Presidente

Antônio C. de Matos Paiva

Carlos Alberto Rodrigues da Cunha

Carolina Martuscelli Bori

Flávio Rabelo Versiani

Inocência Mártires Coelho

Gileno Fernandes Marcelino

Jacques Rocha Velloso

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor: *Lauro Morhy*

Vice-Reitor: *Timothy Martin Mulholland*

Decano de Ensino de Graduação: *Michelangelo Giotto S. Trigueiro*

Decano de Pesquisa e Pós-Graduação: *Noraí Romeu Rocco*

Decana de Extensão: *Dóris Santos de Faria*

Decano de Administração e Finanças: *Érico Paulo Siegmar Weidle*

Decana de Assuntos Comunitários: *Thérèse Hofmann Gatti*

Laboratório de Estudos do Futuro: *Henrique de Sousa Novaes*

Assessoria de Assuntos Internacionais: *José Flávio Sombra Saraiva*

Assessoria de Comunicação: *Rodrigo Caetano*



Brasil em Questão

A Universidade e a Eleição Presidencial

Organizador Geral

Lauro Morhy

Co-organizadores

Marcos Formiga

Regina Marques

Adler Andrade

Tânia Costa

Universidade de Brasília

Laboratório de Estudos do Futuro/Gabinete do Reitor

Editora Universidade de Brasília

2002

Agradecimentos

O trabalho coletivo é, sempre, resultado dos esforços de ponderável número de pessoas que se comprometem por acreditarem no objetivo final proposto. Somos gratos a todos que contribuíram para o êxito do Fórum *Brasil em Questão*.

Em especial, nosso reconhecimento aos palestrantes que ousaram apresentar e discutir questões inquietantes dos nossos dias, e propor caminhos para o Brasil.

Nominalmente, agradecemos ao grupo consultivo do Fórum: Adler Andrade, Amado Cervo, Antônio José Escobar Brussi, Benício Viero Schmidt, Cristovam Buarque, Dércio Munhoz, Dóris Faria, Érico Paulo Siegmar Weidle, Flávio Rabelo Versiani, Henrique de Sousa Novaes, Jacques Velloso, José Flávio Sombra Saraiva, José Geraldo de Sousa Júnior, Lúcia Mercedes de Avelar, Marcel Burstyn, Marcos Formiga, Michelângelo Giotto S. Trigueiro, Noraí Romeu Rocco, Pedro Tauil, Regina Marques, Rodrigo Caetano, Sophia Wainer, Tânia Costa, Thérèse Hofmann Gatti, Timothy Martin Mulholland, Vamireh Chacon, Viviane Coutinho Sabino.

Expressamos nossa gratidão aos colaboradores da Universidade de Brasília que ofereceram relevante apoio, sem o qual não teria sido possível a realização do Fórum *Brasil em Questão* e a publicação deste livro – especialmente Decanato de Ensino de Graduação; Decanato de Extensão; Decanato de Assuntos Comunitários; Departamento de Música/IDA; Cerimonial; Prefeitura do Câmpus; Assessoria de Comunicação; Assessoria de Assuntos Internacionais;

Centro de Informática; Núcleo de Multimídia e Internet do Departamento de Engenharia Elétrica, CPCE, Gabinete do Reitor, Editora da Universidade. Também agradecemos aos músicos que se apresentaram no início dos debates e à Escola do Futuro da USP.

LAURO MORHY
REITOR DA UNB

Sumário

APRESENTAÇÃO

Lauro Morhy 11

ABERTURA DO FÓRUM

Lauro Morhy 15

29 de fevereiro BRASILIDADE

Roberto Freire 21

Artur da Távola 31

Aspásia Camargo 37

Vamireh Chacon 47

10 de março BRASIL NO MUNDO

Samuel Pinheiro Guimarães 53

Oliveiros Ferreira 63

Amado Cervo 75

20 de março POLÍTICAS DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA

Márcio Pochman 85

André Urani 97

Cristovam Buarque 107

3 de abril A INFRA-ESTRUTURA NACIONAL

Yeda Crusius 119

Luiz Pinguelli Rosa 129

Décio Munhoz 139

10 de abril SAÚDE E SANEAMENTO BÁSICO

Sergio Arouca 155

Marcos Helano Montenegro 167

Sebastião Viana 177

Pedro Tauil 185

17 de abril EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Roberto Vermulm 197

Sergio Rezende 207

João Batista de Oliveira 217

Lauro Morhy 231

24 de abril CIDADANIA, EXCLUSÃO SOCIAL
E VIOLÊNCIA

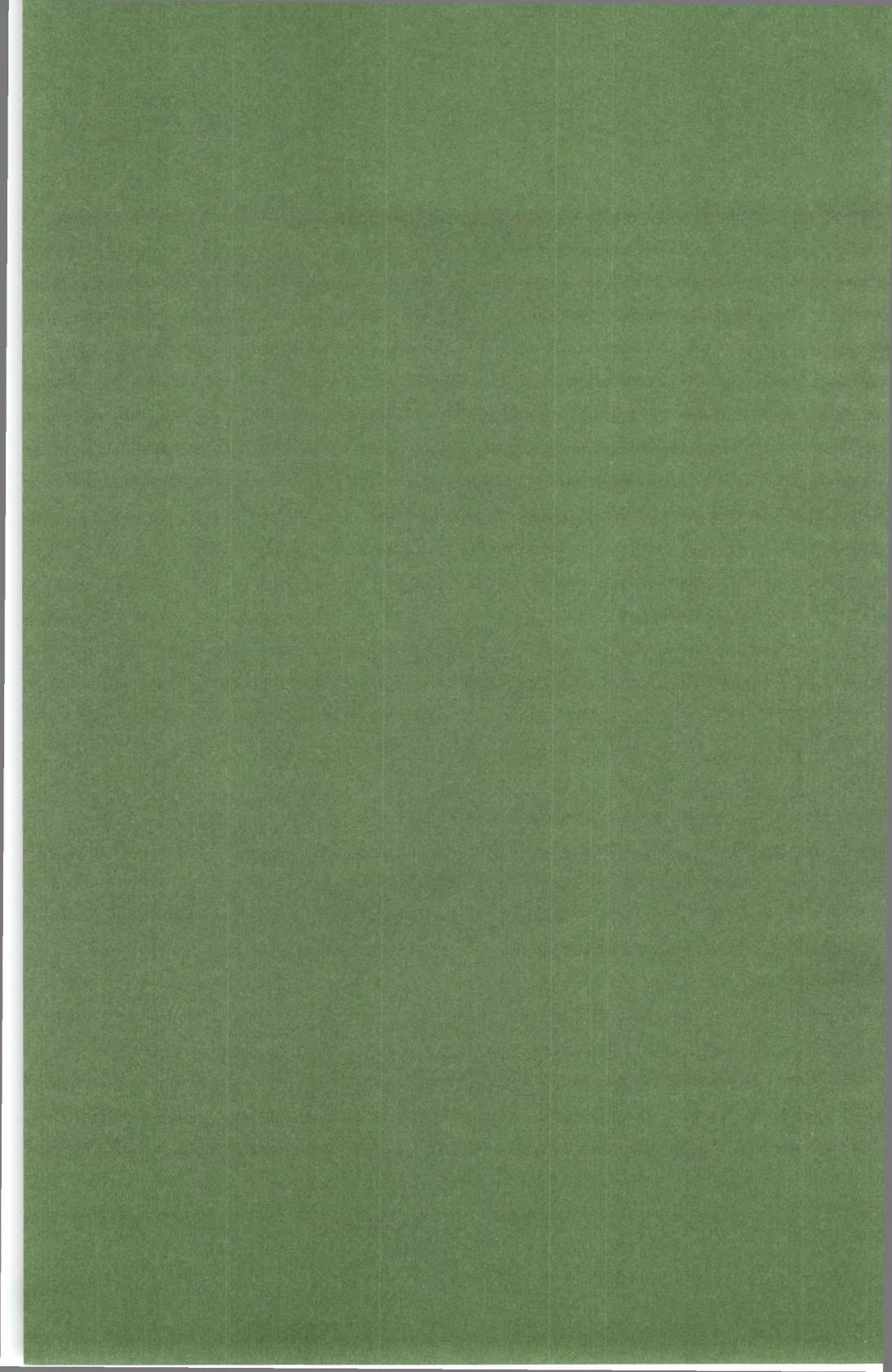
Guilherme de Almeida 239

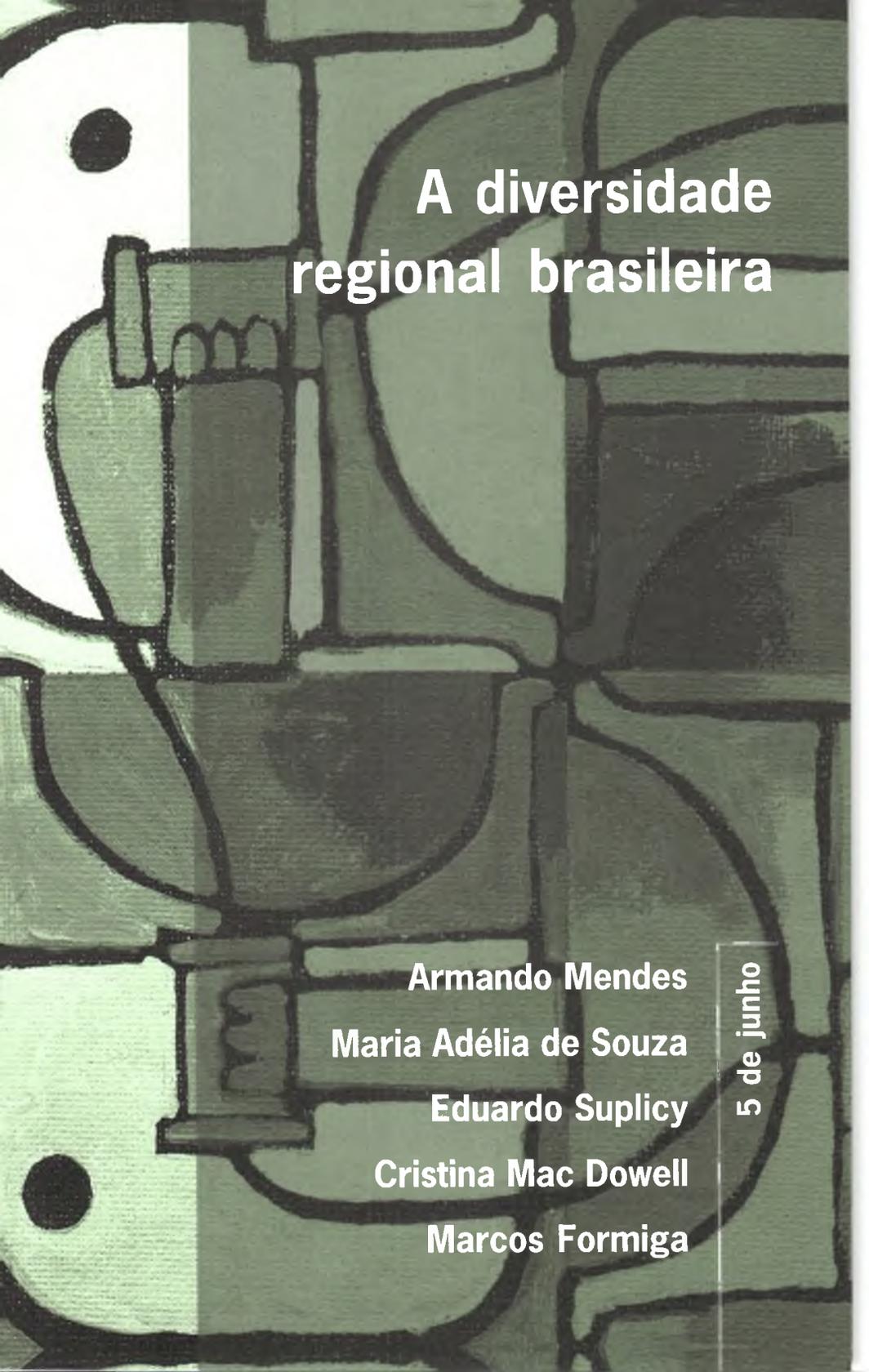
Sueli Carneiro 245

Luiz Mott 253

Dóris Faria 261

5 de junho	A DIVERSIDADE REGIONAL BRASILEIRA	
	Armando Mendes	275
	Maria Adélia de Souza	283
	Eduardo Suplicy	295
	Cristina Mac Dowell	307
	Marcos Formiga	321
19 de junho	MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, AMAZÔNIA	
	Washington Novaes	351
	Marina Silva	361
	Edna Ramos Castro	371
	Marcel Burstyn	379
3 de julho	REFORMAS ESTRUTURAIS PARA O PAÍS	
	Ricardo Varsano	391
	Wilson Cano	405
	Vinícius Carvalho Pinheiro	433
	José Geraldo	447
17 de julho	A UNIVERSIDADE BRASILEIRA	
	Helgio Trindade	459
	Edson Franco	475
	Jacques Velloso	485
	Lauro Morhy	499





A diversidade regional brasileira

Armando Mendes

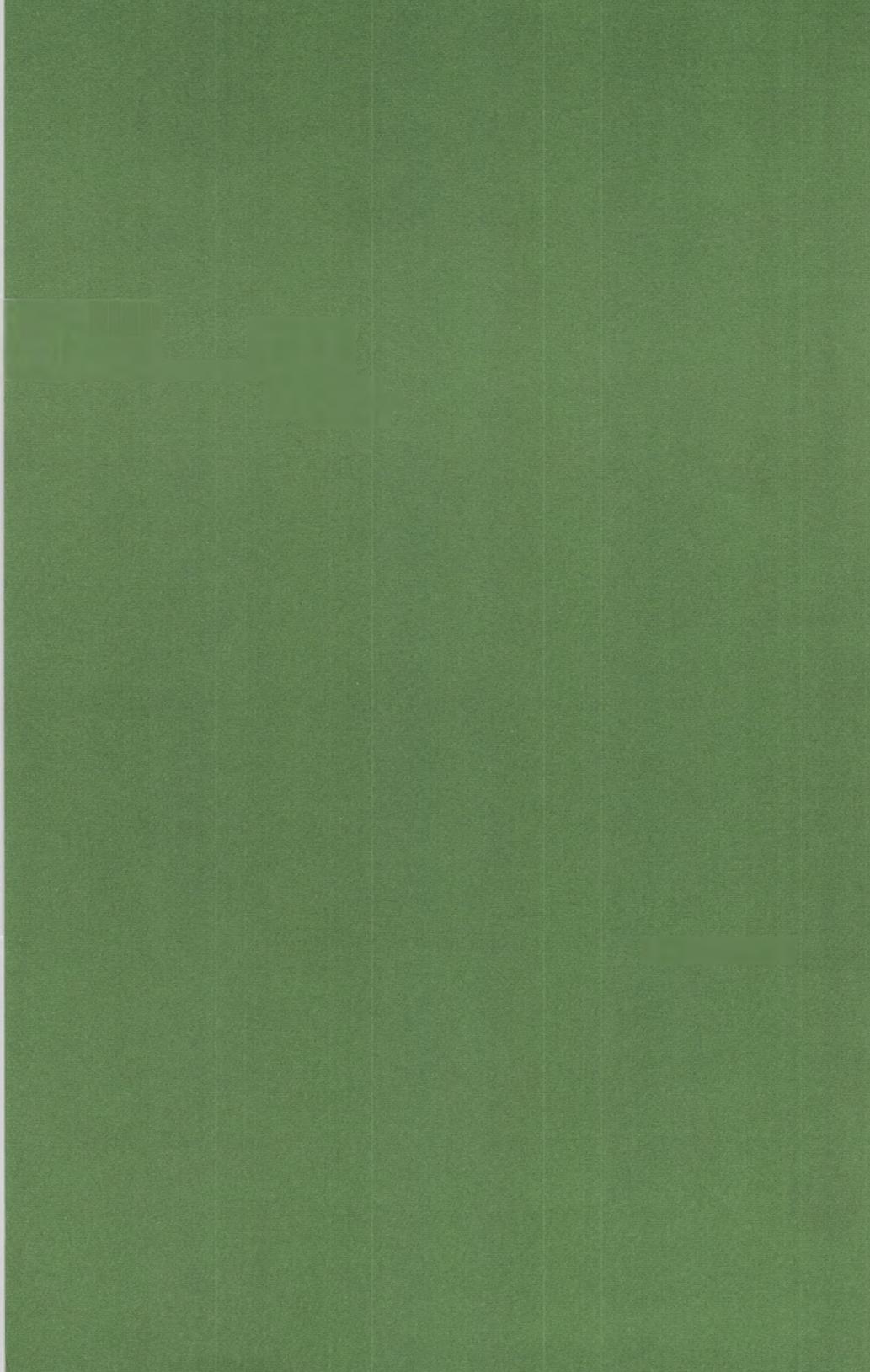
Maria Adélia de Souza

Eduardo Suplicy

Cristina Mac Dowell

Marcos Formiga

5 de junho



Política e Território – a Geografia das Desigualdades

Maria Adélia de Souza

Introduzindo o tema teoricamente

Este texto tratará de desigualdades regionais a partir da necessidade de elaborar sobre o uso do território no presente e suas consequências para a sociedade brasileira. Trata-se, então, de um tema essencial a ser discutido com os candidatos a presidência da república. Advogamos a tese de que é impossível elaborar um projeto de futuro para o Brasil sem considerar o território usado como categoria de análise. Ele se torna ainda mais fundamental quando entendemos a globalização como “uma gestão global de múltiplas diferenciações territoriais” (VELTZ, 1993:51). O conhecimento do território tornou-se indispensável dada a sua importância nos processos de globalização e fragmentação que se verificam no mundo contemporâneo.

Assim, propomos neste texto que a assunção antecipada da região e sua diversidade seja vista com cautela. Aquela velha noção de região, como um subespaço de longa maturação e construção,

Maria Adélia de Souza é Doutora em Geografia Urbana pela Universidade de Paris. É a responsável pela primeira Política Nacional de Desenvolvimento Urbano, realizada ainda no governo Geisel (anos 70). Professora da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade de Campinas (Unicamp) é especialista em urbanização brasileira. É presidenta do Instituto de Pesquisa, Informação e Planejamento de Campinas.

definitiva, não resiste a aceleração contemporânea¹. Essa antiga postura já vem sendo superada na própria ciência geográfica: hoje as regiões sofrem mudanças repentinas na forma e no conteúdo. Elas brotam no território, como circunscrição de uso. É, portanto, o território usado e não a região a categoria de análise. A região é um recorte espacial, assim como o lugar, portanto eivados de ideologia, que hoje é ao mesmo tempo um dado da essência e da existência. E, *o espaço geográfico é um sistema indissociável de objetos e ações*. Esta atualização epistemológica, ainda que sumária se faz necessária para que a proposta de discussão desta mesa redonda possa dar conta dos processos do mundo do presente.

Como, podemos hoje contribuir para a discussão sobre a DIVERSIDADE REGIONAL BRASILEIRA sem atualizar essa reflexão que envolve diretamente a temática do território.

Este texto será desenvolvido em torno de três reflexões: a primeira relativa a uma atualização sobre a compreensão do território usado como categoria de análise; a segunda uma reflexão sobre a regionalização no Brasil e, uma terceira introduzindo elementos para um questionamento dos candidatos à Presidência da República, nas próximas eleições que se avizinham.

O território, modernamente, é entendido não apenas como limite político administrativo, mas como espaço efetivamente usado pela sociedade e pelas empresas. O território tem, portanto, um papel importante especialmente na formação social brasileira, havendo ainda muito pouca compreensão sobre esta dimensão nova dos seus estudos. É bom lembrar que *tudo passa mas os territórios, espaços efetivamente usados, permanecem*.

Outro tema importante, de natureza territorial é o que denominamos Geografias da Desigualdade. (SOUZA, 1994).

Mas, é importante destacar, que as geografias, aquilo que vemos efetivamente, escancaram o que os números e os discursos

tentam escamotear: as desigualdades socioespaciais são gritantes, reveladas nas paisagens, nos lugares, nas regiões.

Um projeto para o Brasil deverá necessariamente considerar esta consciência sobre o território nacional e os seus subespaços.

Esta discussão, portanto, é política. Nesta perspectiva, a Geografia se aproxima da política ao definir o território usado como sua categoria de análise primordial. Território usado vem sendo tomado como sinônimo de espaço geográfico ou espaço banal, como propôs François PERROUX. Caso contrário, impossível compreender o mundo do presente.

Diversidade ou Desigualdade Regional: o novo sentido da análise territorial

Indiscutivelmente não se trata apenas do diverso, mas do desigual. Os dados empíricos sobre a sociedade brasileira, vista em sua territorialidade são argumentos irrefutáveis da desigualdade e, também, da diversidade. O que é problema, não é o diverso, mas o desigual. Lamentavelmente não é possível aqui desenvolver a temática do desenvolvimento desigual e combinado. No entanto, com o aprofundamento da questão do território usado, tratada a seguir, o desenvolvimento desigual está, pois, subjacente.

Como, então, relacionar o desigual e o regional? É preciso retornar ao território, lembrando que vivemos em um período histórico de transição: estamos saindo do período técnico, científico e informacional e mergulhando em pleno período popular da história.

Que processos conduzem a isto? Tomemos o território usado para examinarmos esta propositura.

Características do território usado

Um exame do território brasileiro hoje, revelador dessas desigualdades nos propõe pelo menos dois tipos de espaços: os espaços que mandam e os espaços que obedecem gerados pelo permanente embate do par dialético da abundância/escassez. Isto seria o fundamento maior das Geografias da Desigualdade.

Quais são suas características²?

O território apresenta duas características no mundo do presente, constituindo-se por par dialéticos: densidade e rarefação, fluidez e viscosidade. O espaço, por sua vez, também apresenta duas características: rapidez e lentidão e luminosos e opacos.

Tais características é que geram as novas lógicas na relação centro-periferia.

Densidade e rarefação

As densidades sempre são vistas de formas simples e relacionadas a ocupação do território pela população. Fala-se em densidade populacional. É um dado histórico e diz respeito também ao processo de ocupação. Assim, pode-se expandir o conceito e também falar de densidade ou rarefação da população, da riqueza.

Queremos no entanto propor aqui a idéia de SANTOS e SILVEIRA (2 001) e falar das densidades técnicas e informacionais, significando no território a presença de próteses em maior ou menor intensidade, a maior ou menor presença de informação, o maior ou menor uso da informação, a maior ou menor densidade de leis, normas, regras reguladoras da vida coletiva. É importante ainda lembrar aqui que a informação, sobretudo a serviço das forças hegemônicas e do Estado, é o grande regente das ações

que definem as novas realidades espaciais, que aprofundam as desigualdades e as diversidades espaciais. Assim, o território é mais ou menos denso técnica e informacionalmente³. Os mais densos são os espaços luminosos, submetidos à volúpia do tempo presente. Os rarefeitos, são os espaços opacos, *dos homens pobres e lentos do planeta* como diria Milton Santos em um de seus maravilhosos artigos publicado em ESPAÇO, TEMPO E TÉCNICA (1994).

Os espaços luminosos são os que mais acumulam densidades técnicas e informacionais, atraindo, portanto, atividades de maior conteúdo de capital, tecnologia e organizacional. São os espaços obedientes aos interesses das empresas.

Mas atenção: são eles que, diante de tais características são monitorados de fora e implicam a ingovernabilidade dos lugares. Ou não conheceremos nós os problemas das grandes cidades do mundo pobre, para não citar apenas São Paulo ou mesmo Fortaleza ou Balsas!

Fluidez e viscosidade

Segundo SILVEIRA (1996, 1999B) são estas características do território que distinguem os países. Trata-se dos sistemas de engenharia que produzem os movimentos, interessando diretamente a divisão territorial do trabalho.

Nos países continentais, como o Brasil, esses processos de implantação dos sistemas de engenharia (infra-estruturas, sistemas viários,) são seletivos e, portanto, segregadores.

No caso brasileiro, além da participação por via de empréstimos e créditos de organismos internacionais, é o próprio Estado que investe para dotar certas partes do país das condições de circulação indicadas como indispensáveis para a chamada “abertura” ao

comércio externo. Estes são os corredores do Brasil em Ação, sustentando a tese do desenvolvimento endógeno. Trata-se, isto sim, de uma verdadeira sangria do território brasileiro.

Em países territoriais que apresentam sempre enormes disparidades regionais e de renda, o processo de criação da fluidez é seletivo e não igualitário. As regiões já denominadas por BENKO E LIPIETZ de ganhadoras, cuja produção se destina à exportação e ao comércio internacional, tem prioridade. E, não é apenas o Sudeste quem se beneficia. É bom lembrar aqui os casos das Balsas e Barreiras (Bahia e Maranhão), Petrolina e Juazeiro em Pernambuco e Bahia, para citar alguns. A velha dicotomia do nordeste atrasado e do sul maravilha não se sustentam mais diante da fluidez, pois todo o Brasil tende a se empobrecer, se estiverem fora dos eixos e centros de desenvolvimento, que acreditam sustentável. Como haver sustentabilidade diante da natureza antagonica do funcionamento do mundo do presente onde precisão e segregação atuam dialeticamente?

A densidade viária (fluidez efetiva) e infoviária (fluidez virtual), portanto se instalam, servindo um aspecto da economia internacional. A densidade viária, sobretudo se relaciona mais com nexos da economia e do mercado e não com a maioria da população. Neste sentido podemos dizer que o Estado governa mais para o interesse hegemônico do que para a sociedade Brasileira, pois é fantástico o processo de tecnificação do território brasileiro, nos últimos anos. Não se trata de contrapor a modernidade dada pela técnica ao atraso. A questão se coloca de outra maneira e trataremos dela, mais adiante. É bom que se diga que um espaço pode ser denso quanto às vias, mas não fluído. Este é o caso típico do nordeste, cujas vias servem mais aos migrantes do que a economia, por motivos históricos relativamente ao uso do território nordestino.

Rapidez e lentidão

O território da rapidez reflete o mandar e o da lentidão o fazer. O primeiro comanda o território como um todo. O segundo obedece. A rapidez envolve mais veículos, transportes públicos e do ponto de vista social intensifica a vida de relações econômica e sociocultural. Estas características se distinguem em função da divisão territorial do trabalho. Rapidez e fluidez são características da sangria do território em direção aos seus pontos de convergência, geralmente as grandes metrópoles. Por isso elas empobrecem, pois a sangria se dá com componentes que se destinam ao mercado internacional, portanto viabilizando os interesses externos, por vezes conflitantes com aqueles da sociedade brasileira. Caso contrário, como explicar o aprofundamento da desigualdade e da segregação socioespacial?

Uma divisão regional para o Brasil

Estas rápidas postulações nos permitem refletir sobre uma regionalização do Brasil, baseada simultaneamente na atualidade marcada pela difusão diferencial do meio técnico, científico e informacional e nas heranças do passado. Portanto, as velhas regionalizações formadas pelo tempo lento não tem mais sustentação no mundo do presente.

Mesmo sem o refinamento das análises que vimos construindo há quase dez anos, em 1975, ao redigir com Jorge Francisconi a primeira Política Nacional de Desenvolvimento Urbano para o Brasil, já identificávamos, com outro método uma região de contenção do uso do território, representado basicamente pelo eixo Rio – São Paulo, uma região de dinamização no seu entorno, uma

região de promoção e regiões de preservação do patrimônio ambiental Urbano[†]. SANTOS e SILVEIRA (2001) propõem, mais de vinte anos depois aproximadamente a mesma coisa, valendo-se dos elementos de método que fundamentou este nosso documento:

- a) uma região concentrada, representada agora pelo sudeste e sul do país, região com alta densidade técnica e científica que tem em São Paulo seu maior pólo;
- b) uma região que corresponde ao Nordeste brasileiro, de povoamento antigo, mecanização pontual, com quadro socioespacial engessado como é o caso das áreas irrigadas do Vale do São Francisco, que *podem possibilitar fraturas na história social da região com mudanças profundas nos papéis econômicos e políticos de grupos e pessoas e também de lugares.*(SANTOS, SILVEIRA, 2001:272).
- c) O Centro-Oeste, com ocupação periférica porem criando um meio técnico, científico e informacional, com TV. Agricultura moderna que tem suas necessidades pautadas na produção da soja e do milho.
- d) A Amazônia, sobre quem se tem um conhecimento moderno contrastando com sua ocupação rarefeita. Nela vivem lado a lado o sistema do movimento rápido/moderno e o sistema do movimento lento. Suas cidades, especialmente Manaus, são luars de confluência e o traço de união com o mundo. Elas mantêm relações lentas, esgarçadas e tardias com o seu hinterland.

Concluindo ...

A nova regionalização e as desigualdades recriadas pelo uso perverso do território, passam também a ser produzidas por meio

de níveis de racionalidade presentes no território “*hoje, a inserção da racionalidade no campo da dominação*” (MAFFESOLI, 1978:145 in SANTOS, SILVEIRA, 2001) transforma o espaço num campo da ação instrumental, indo além das instâncias econômicas, políticas e culturais. É, portanto, o território usado ou o espaço geográfico a nova instância social, uma categoria de análise social imprescindível.

As modernizações para o Terceiro Mundo como sempre lembrava Milton Santos continuam incompletas e insistem na reprodução de desigualdades.

Discutir projetos sociais, desprezando o território, é aprofundá-las. A gestão do território não pode se distanciar dos desígnios da sociedade. Por isso a questão regional assume uma importância ainda maior do que teve no passado.

É a partir das prioridades políticas concebidas pela compreensão do uso do território, um verdadeiro *ovo de Colombo*, que implicará certamente a alteração da relação centro periferia que se dá, em nossos dias.

QUESTÕES AOS CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

1. O uso do território brasileiro, tal como vem sendo feito pela implantação das políticas públicas e pelas empresas não inviabiliza um projeto nacional brasileiro e não se constitui em uma ameaça a soberania nacional?
2. Como seu programa de governo lida com o território brasileiro?
3. Que propostas seu programa apresenta para minimizar as desigualdades regionais do Brasil?

4. Que tipo de regulação pode ser criado para minimizar o interesse hegemônico no uso do território brasileiro?
5. Seu programa continuará a se pautar nas sugestões do Banco Mundial, no que se refere as estratégias de uso do território, fundamentadas nos conceitos metafóricos de desenvolvimento sustentável, corredores endógenos e corredores de exportação (estes já usados durante o regime militar)?

Bibliografia

- 1 BENKO, Georges e LIPIETZ, Alain. *As Regiões Ganadoras*.
- 2 CASTILLO, Ricardo A *Monitoramento do Território*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Geografia da FFLCH da USP. São Paulo. 1997.
- 3 GIORDANO, Samuel.
- 4 MAFFESOLI, Michel., 1978:145.
- 5 SOUZA, Maria Adélia. *GEOGRAFIAS DA DESIGUALDADE*. HUCITEC, São Paulo, 1994.
- 6 SANTOS, Milton e SOUZA, SOUZA, Maria Adélia et alii. *Aceleração Contemporânea*, in *Fim de Século e Globalização. O NOVO MAPA DO MUNDO*. HUCITEC, São Paulo, 1993.
- 7 SANTOS, Milton. *ESPAÇO, TEMPO, TÉCNICA*. HUCITEC, São Paulo, 1994.
- 8 SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. *TERRITÓRIO E SOCIEDADE*. Record, Rio de Janeiro, 2 001.
- 9 SILVEIRA, Maria Laura. (1996, 1999B).
- 10 VELTZ, 1993:51.

Notas

- 1 Este conceito de *aceleração contemporânea* foi elaborado por Milton Santos (1992).
- 2 Esta proposição está em SANTOS e SILVEIRA, 2 001.
- 3 Ver a este respeito CASTILLO, 1997.
- 4 No II PND há um mapa do Brasil retratando esta nossa estratégia territorial para o Brasil de então

Impressão e Acabamento:



SIA TRECHO 3 LOTE N° 1760

Fone: (0xx61) 362-0008 / Fax: (61) 362-7476

e-mail: quick@gns.com.br

contemporâneo.

As discussões ali realizadas certamente não esgotaram a complexidade dos temas. Contudo, como lembra o reitor Lauro Morhy, *Brasil em Questão* “é um meio e, não, um fim. É um bom começo para despertar outras consciências, mentes e corações, pensando e pulsando Brasil”. É desse debate que o leitor é convidado a participar.

Com a publicação, em 2002, de *Brasil em Questão: a Universidade e a Eleição Presidencial*, a UnB cumpre, mais uma vez, seu compromisso histórico de contribuir para a reflexão sobre as alternativas e projetos para o nosso País.

BRASILIDADE • Roberto Freire • Artur da Távola • Aspásia Camargo • Vamireh Chacon • **BRASIL NO MUNDO** • Samuel Pinheiro Guimarães • Oliveiros Ferreira • Amado Cervo • **POLÍTICAS DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA** • Márcio Pochman • André Urani • Cristovam Buarque • **A INFRA-ESTRUTURA NACIONAL** • Yeda Crusius • Luiz Pinguelli Rosa • Dércio Munhoz • **SAÚDE E SANEAMENTO BÁSICO** • Sergio Arouca • Marcos Helano Montenegro • Sebastião Viana • Pedro Tauil • **EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA** • Roberto Vermulm • Sergio Rezende • João Batista de Oliveira • Lauro Morhy • **CIDADANIA, EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA** • Guilherme de Almeida • Sueli Carneiro • Luiz Mott • Dóris Faria • **A DIVERSIDADE REGIONAL BRASILEIRA** • Armando Mendes • Maria Adélia de Souza • Eduardo Suplicy • Cristina Mac Dowell • Marcos Formiga • **MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, AMAZÔNIA** • Washington Novaes • Marina Silva • Edna Ramos Castro • Marcel Burstyn • **REFORMAS ESTRUTURAIS PARA O PAÍS** • Ricardo Varsano • Wilson Cano • Vinícius Carvalho Pinheiro • José Geraldo de Sousa Júnior • **A UNIVERSIDADE BRASILEIRA** • Helgio Trindade • Édson Franco • Jacques Velloso • Lauro Morhy